

Edição v. 40
número 2 / 2021

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), 40 (2)
mai/2021-ago/2021

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

DOSSIÊ

O encantador de serpentes: Tite e a transformação da figura do treinador de futebol sob a ideologia neoliberal

The snake charmer: Tite and transformation of the function of the football coach under the neoliberal ideology.

FILIPE MOSTARO

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: filipemostaro@hotmail.com. ORCID: 0000-0001-6600-5953.

LEONARDO DE MARCHI

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: leonardo.demarchi@eco.ufrj.br. ORCID: 0000-0001-5654-8938.

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

Ao citar este artigo, usar a seguinte referência: MOSTARO, Filipe. DE MARCHI, Leonardo. *Contracampo*, Niterói, v. 40, n. 2, p. 01-14, maio/ago. 2021.

Submissão em: 31/05/2021. Revisor A: 01/07/2021; Revisor B: 02/07/2021; Revisor A: 24/07/2021. Aceite em: 28/07/2021.

DOI – <http://doi.org/10.22409/contracampo.v40i2.50264>

Resumo

A fim de contribuir para as discussões sobre a colonização dos esportes pelo que se pode denominar de espírito do capitalismo neoliberal, este artigo analisa o perfil de Tite publicado pela revista Você S.A. como paradigma de uma nova geração de treinadores de futebol que se assemelham ao gestor de empresas. Entende-se que essa matéria resume de maneira paradigmática os vários discursos sobre o perfil gerencial de Tite, estabelecendo uma relação direta entre a gestão do esporte e a visão de gestão empresarial da vida de acordo com os valores neoliberais.

Palavras-chaves

Neoliberalismo; Novas técnicas de administração de empresas; Futebol; Treinador de futebol; Tite.

Abstract

In order to contribute to the discussions on the colonization of sports by what can be called the spirit of neoliberal capitalism, this article analyzes the profile of Tite published by the business magazine Você S.A. as the paradigm of a new generation of football coaches that resemble that of the business manager. Therefore, it was chosen to carry out an analysis of the professional The reason for choosing this article is that it summarizes in a paradigmatic way the various discourses on the managerial profile of Tite, establishing a direct relationship between the management of sport and the vision of rational management of life according to the neoliberal values.

Keywords

Neoliberalism; New techniques of management; Football; Football coach; Tite.

Introdução

Em 22 novembro de 2016, durante uma entrevista ao programa *Bola da Vez*, do canal de televisão por assinatura especializado em esportes ESPN,¹ o ex-jogador de futebol uruguaio e, atualmente, funcionário da administração de equipes de futebol (no jargão desse mercado, um *dirigente*), Diego Lugano, definiu como principal qualidade de Adenor Leonardo Bachi (Caxias do Sul, 25 de maio de 1961), vulgo Tite, treinador de futebol com passagens por diferentes clubes no Brasil no exterior, além da seleção brasileira, o fato dele ser um *encantador de serpentes*. Ao explicar a exótica metáfora, Lugano observou que o treinador deixava a imprensa esportiva como que *adormecida*, isto é, os críticos que trabalham na imprensa especializada faziam poucas avaliações negativas sobre sua pessoa e seu trabalho, o que resultava em um ambiente positivo para que o treinador desenvolvesse suas atividades tanto nos clubes quanto na seleção brasileira. A afirmação do dirigente é surpreendente e, a um só tempo, reveladora de uma nova concepção do mundo do futebol. Seu principal elogio a um *treinador* não se referia às qualidades dele como estrategista do jogo de futebol, mas sim à capacidade de *gestão de um empreendimento*: Tite é um bom profissional de relações públicas, o que garante um ambiente propício ao melhor desempenho das equipes que comanda. Em outras palavras, retiradas do jargão da literatura de administração, Lugano elogiava a capacidade de Tite de ser um bom *manager* (gestor de empresas).

A profissão de treinador de equipes de esportes coletivos (basquete, *baseball*, futebol, entre outras) foi uma das que mais se transformou nas últimas décadas, na medida em que se promoveu uma identificação dessa função com a do administrador de empresas (CARTER, 2006). Se, antes, o treinador era considerado uma tarefa sobretudo técnica (derivada do ambiente militar, tratava-se da mimese para os esportes do comandante que estabelece estratégias e coordena as tropas durante uma batalha em campo), a partir dos anos 1970, com a intensificação da financeirização do esporte (SANTOS, 2020) o treinador passou a ser identificado com o gestor de empresas, aquele profissional que gere os ativos de uma empresa privada, o clube de futebol (MOSTARO, 2019). Assim, suas atribuições passaram a ser não apenas a de treinar jogadores para as partidas, como também aumentar o valor dos jogadores (chamado pelos profissionais desse mercado de *passse*), trabalhando seu capital humano, lidar com a imprensa como se fosse um profissional de relações públicas, planejar as vitórias e situações adversas (empates e derrotas) a fim de valorizar o máximo possível a marca da empresa (clube), entre outras atribuições que estão em linha menos com a antiga ética esportiva moderna do que com a chamada nova teoria da administração, que foi, por seu turno, um dos pilares de difusão do neoliberalismo² como uma racionalidade, como uma forma de governamentalidade do mundo contemporâneo (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009; CHAMAYOU, 2020; DARDOT e LAVAL, 2016).

É verdade que o esporte moderno, que emerge no final do século XIX, havia sido forjado nos

1 Disponível em: http://www.espn.com.br/video/649012_lugano-elogia-dunga-e-diz-que-tite-e-encantador-de-serpentes-no-bola-da-vez. Acesso em: 11 maio 2021.

2 O uso do termo *neoliberalismo* tem sido envolto em polêmicas nos últimos anos. Para os economistas liberais contemporâneos (que se alinham às teorias econômicas da Escola da Chicago, da Escola Austríaca ou, ainda, do ordoliberalismo de matriz alemã), não se reconhece o uso do rótulo *neoliberalismo*, na medida em que tais pensadores se veem como meros continuístas do pensamento liberal clássico de Adam Smith ou John Locke, sobretudo na defesa incondicional do princípio do livre mercado e da propriedade privada. Não obstante, há uma literatura crítica volumosa, e ainda crescente, que tem apontado consistentemente diversos pontos de ruptura (teórica, ideológica, política) entre os autores liberais clássicos e os do século XX. Nesta perspectiva, a teoria econômica liberal do século XX constitui, sim, uma ruptura com o liberalismo clássico, o que justifica a alcunha de *neoliberalismo*. Notadamente, sustenta-se que o neoliberalismo se caracteriza por ser não apenas uma teoria econômica, mas uma racionalidade política que se fundamenta sobre uma nova subjetividade, baseada na ideia de que todo indivíduo é um conjunto de ativos (o *capital humano*, conforme definiu Gary Becker, 1964) que deve ser administrado de acordo com a lógica empresarial ou, numa expressão, todo indivíduo deve se conceber como um *empresário de si*, nas palavras de Michel Foucault (2008). É neste sentido crítico que se utiliza o termo *neoliberalismo* neste artigo.

valores do capitalismo industrial (PRONI, 2000; GIULIANOTTI, 2010; MELO et al., 2013), como uma ética do trabalho a ser aplicada sobre os corpos dos trabalhadores (ELIAS, 1992). No entanto, o que se presencia no contexto atual pode ser mais bem definido pelo que Neil Postman (1994) chamou de *tecnopólio*, ou seja, uma tecnocracia que tem como objetivo excluir alternativas de formas de vida e indicar o projeto neoliberal e seus desdobramentos psíquicos, tecnológicos e sociais como o único modelo a ser seguido. Assim, a equipe de futebol deve ser entendida como um corpo de funcionários escolhidos cientificamente para cada função dentro do campo (atacante, goleiro, zagueiro e assim sucessivamente), além de uma vitrine que valoriza a marca do clube e/ou da empresa de equipamentos esportivos que o patrocina (Adidas, Nike, Puma, entre outras) nas diversas competições que os clubes participam (SMIT, 2007).³ Por seu turno, o técnico precisaria lidar com a gestão de resultados, que passa pela habilidade de como agir sobre o psicológico do jogador, visando a maior eficiência possível (MOSTARO, 2019). Tal função gerencial do treinador de futebol no contexto capitalista atual tem como objetivo a apropriação das dinâmicas criativas e do próprio caráter lúdico do jogo em prol da produção acelerada de vitórias e a consequente acumulação de capital. Desempenhar essa função passaria por ajustar e compreender as ferramentas tecnológicas disponíveis para tentar controlar a imprevisibilidade do jogo, dominando sua natureza, racionalizando-o, direcionando o lúdico e suas dimensões a favor de determinadas materialidades, sociabilidades e subjetividades, umbilicalmente ligadas ao modelo capitalista neoliberal.

É interessante notar como, no Brasil, essa transformação da função do treinador de futebol começa por um debate que se estabelece a partir da imprensa esportiva,⁴ ela mesma um dos principais vetores de difusão dos valores neoliberais. Há tempos, discute-se entre jornalistas e comentaristas sobre a necessidade de alguma *profissionalização* da gestão do futebol, sendo a posição do treinador um tema prioritário nessa pauta. Entende-se que a imagem do treinador que mais agrada aos dirigentes dos clubes profissionais ainda se espelha na figura do chefe militar, que dá ordem e impõe a disciplina aos (tidos como preguiçosos) jogadores⁵ (trabalhadores). Esse modelo de gestão é descrito como antiquado, pois está associado à figura do *pai de família*, que cria seus ditos filhos com dureza disciplinar e ternura paternal. Não por acaso, certos times vitoriosos do futebol brasileiro são celebrados sob a alcunha da *família* de determinado treinador, caso mais notável da *família Scolari*, referente ao técnico Luís Felipe Scolari em sua vitoriosa passagem pela seleção brasileira em 2002 (GASTALDO, 2003), porém, deixando de lado todo um conjunto de novas técnicas que fazem do futebol moderno mais competitivo. A demanda por bons resultados nas diversas competições que se apresentam exigiria, nessa concepção, a aplicação de técnicas empresariais para gerir os clubes profissionais. Daí que se exorte a chegada de algum empreendedor schumpeteriano que venha revolucionar a gestão do futebol. É neste enquadramento, particularmente forte no Brasil, que Tite tem sido celebrado pela imprensa esportiva. Afinal, desde seu aparecimento no cenário esportivo nacional, Tite tem sido descrito, sobretudo, como um *estudioso* tanto das estratégias contemporâneas de treinamento de equipes de futebol (desenvolvidas na Europa) como também de

3 O investimento de grandes empresas em atletas e clubes proporcionou um aumento considerável na preparação para as competições. A parte física é incorporada de forma intensa ao esporte, inserindo a figura do preparador físico como algo primordial para as comissões técnicas. Passa a se investir em pesquisas que visam entender e controlar o funcionamento do corpo do jogador, em uma tentativa de dominar o máximo possível as contingências do jogo. Bolas, chuteiras e vestimentas dos jogadores entram nessa lista de fatores determinantes para o sucesso. Tais itens passam a ser associados a marcas multinacionais. Elabora-se o imaginário da prática esportiva como fator primordial na concorrência da vida cotidiana, tornando essa prática e a preparação um item na disputa entre empresas por esse consumo (SMIT, 2007).

4 Sobre o papel da imprensa esportiva na elaboração de representações sobre o futebol no Brasil, ver Helal, Lovisoló e Soares (2001, 2011), Helal e Cabo (2014), Brinati (2016) e Mostaro (2017).

5 Trata-se de uma associação que se fortalece sobremaneira durante a ditadura militar, quando os militares no poder utilizaram a seleção brasileira montada para a copa do mundo de 1970 como um material de propaganda das virtudes do regime. Para melhor análise e reflexões sobre a preparação física da seleção para a Copa de 1970 e as narrativas da imprensa sobre a presença de militares na comissão técnica, ver Salvador e Soares (2009).

gestão de clubes de futebol (desenvolvidas nos Estados Unidos). As vitórias de suas equipes são descritas menos como o êxito de alguma *família Tite* do que como o resultado da aplicação de um método científico de administração dos elencos. Ao assumir o comando da seleção brasileira de futebol, Tite ultrapassou os limites dos clubes de futebol e foi considerado como exemplo maior da nova mentalidade gerencial nos esportes também pela imprensa em geral.

Buscando contribuir com as discussões sobre a colonização dos esportes coletivos pelo que se pode denominar de governamentalidade neoliberal (DARDOT e LAVAL, 2016; FOUCAULT, 2008), este artigo analisa o perfil de Tite publicado pela *Você S.A.* (TOZZI, 2017). Entende-se que essa matéria resume de maneira paradigmática os vários discursos sobre o *perfil gerencial* de Tite, estabelecendo uma relação direta entre a gestão do esporte e a visão de gestão empresarial da vida, de acordo com os valores neoliberais (EHRENBERG, 2010; HAN, 2018). O artigo está dividido em duas partes. Na primeira, abordamos os efeitos das aplicações dos valores neoliberais de gestão empresarial sobre os esportes, notadamente o futebol, indicando como essa colonização do jogo tem no treinador seu vetor principal de disseminação, uma vez que este se mostra como um modelo de liderança racional (e não mais carismática) a ser seguido. Mais adiante, busca-se demonstrar como a imagem de Tite tem sido construída de acordo com essa narrativa, tendo a publicação de seu perfil na revista *Você S.A.* como base de análise.

Eles usam *black-tie*: o treinador de futebol do capitão de indústria ao *coach* neoliberal

A centralidade cultural do futebol, por ter sido elemento de mobilização na edificação dos estados nacionais modernos (COSTA, 2006; GUEDES e GASTALDO, 2006), concedeu-lhe uma importância simbólica profunda, por isso é constantemente usado para produzir imagens e narrativas verossímeis para a sociedade. Em particular, os esportes coletivos representaram um modelo ético e de disciplinamento do corpo (ELIAS, 1992). Neste sentido, o treinador, especificamente no futebol, tinha a incumbência de dar aos jogadores (em geral, trabalhadores) certa concordância com uma disciplina técnica, uma verdadeira ascese intramundana dedicada ao trabalho. Associado às práticas do capital, a função do treinador se alinha a de um capitão que comandaria uma fábrica, entendendo que: “todos os artifícios utilizados pelo industrial para agilizar a produção de bens poderiam ser usados igualmente para agilizar a produção de gols” (DAVIES, 1992, p.301).

Ao analisar o percurso histórico de suas atribuições, Mostaro (2019) destaca que para impor essa disciplina, o modelo militar ganha força no início do século XX e se estende até os anos 1970. Neste cenário, a experiência no controle de um grande grupo de homens foi levada para o esporte. A *gestão pelo medo* se tornou institucionalizada. Sendo o clube de futebol uma família, os treinadores, como mais velhos, funcionariam como uma figura paterna que deveria ser respeitada pelos mais novos. Note-se que não é gratuita a associação à figura de um pai idealizado, o da família burguesa patriarcal: tratava-se de impor, moralmente, uma hierarquia social aos jogadores.

Com o advento do neoliberalismo a partir dos anos 1970, porém, há um deslocamento importante na função social do esporte, de uma dimensão prioritariamente moral para outra utilitária. Com a intensificação da financeirização do esporte (PRONI, 2000), a função do técnico abandona gradualmente a associação moralista do *pater familias* para adotar a imagem do *manager* (gestor) de empresas. À medida que o clube de futebol se organiza como se fosse uma empresa, torna-se obrigatório para o treinador saber lidar não mais com a moral dos jogadores, mas agir sobre o psicológico do jogador visando alcançar o máximo de eficiência, aqui entendida como uma média entre a acumulação de vitórias e a redução de derrotas e empates (MOSTARO, 2019). A partir de então, o objetivo é impor outra moral aos jogadores: não mais a da família, mas a da *empresa*, cuja ideologia se funda na ideia da concorrência como elemento organizador da vida social.

Para se compreender esse fenômeno, é imperativo ter em conta que o neoliberalismo não se refere apenas a uma escola de pensamento econômico, no caso, a Escola Austríaca, a Escola de Chicago ou ao ordoliberalismo alemão. Trata-se propriamente de uma racionalidade política ou, ainda, “o neoliberalismo pode ser definido como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência” (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 17). É, portanto, uma forma de governamentalidade, um conjunto de procedimentos que visam administrar a conduta dos sujeitos políticos através também da formação de subjetividades (FOUCAULT, 2008). Isso significa dizer, enfim, que o neoliberalismo é uma forma de governo baseado na constituição de uma nova subjetividade que, uma vez mais, Michel Foucault (2008) rotulou de *empresário de si (l'entrepreneur de soi)*.

A partir de uma leitura atenta da literatura neoliberal, tanto Michel Foucault (2008) quanto Pierre Dardot e Christian Laval (2016) apontaram, de maneira consistente, que o empresário de si não é equivalente ao *homo oeconomicus* da teoria liberal clássica. Este era um tipo-ideal que tinha acesso a todas as informações provindas do mercado e tinha tempo o suficiente para processá-las. Logo, poderia tomar as melhores decisões possíveis e maximizar seus lucros. O sujeito neoliberal é um *homo agens* (DARDOT e LAVAL, 2016), um sujeito concreto, de razão prática e racionalidade limitada, que não consegue ter acesso a todas as informações do mercado e que está em incessante disputa com outras empresas. Por conseguinte, ele não pode ter certeza de qual é o melhor investimento. Mesmo assim, deve fazer escolhas, assumindo os riscos inerentes ou, em uma palavra, deve *empreender* para buscar realizar oportunidades de lucro. Longe de ser uma diferença teórica menor, a figura do *homo agens* implica uma psicologização do processo econômico: ao se conceber como uma empresa, o empresário de si deve ter uma atitude correta ou, melhor, *proativa* (como se diz no jargão da literatura administrativa) e assumir riscos para obter lucro. Note-se que, nessa leitura, o sucesso ou o fracasso de um empreendimento (seu desempenho) depende não de fatores estruturais da economia, mas, fundamentalmente, da motivação e da atitude do próprio empresário de si. Não é acaso que a literatura dita de autoajuda tenha se tornado uma leitura fundamental para a formação da classe empresarial nos dias de hoje. É preciso buscar dentro de si a força para se vencer em um mundo concebido como uma competição entre diferentes níveis de empresa, do indivíduo à corporação multinacional.

É nesse sentido que o esporte ganha nova significação no capitalismo neoliberal. Como observam Dardot e Laval:

O novo sujeito [neoliberal] é o homem da competição e do desempenho. O empreendedor de si é um ser feito para “ganhar”, ser “bem-sucedido”. O esporte de competição, mais ainda que as figuras idealizadas dos dirigentes de empresa, continua a ser o grande teatro social que revela os deuses, os semideuses e os heróis modernos. Embora date do início do século XX (...), o culto ao esporte sofreu uma mudança importante quando se introduziu a partir de dentro nas práticas mais diversas, não só por empréstimo de determinado léxico, mas também, de forma ainda mais decisiva, pela lógica do desempenho, que altera seu significado subjetivo (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 353).

Alain Ehrenberg (2010, p. 10) defende, por seu turno, que “a prática esportiva e a linguagem do esporte penetraram a tal ponto em todos os poros da sociedade que está em via de se tornar uma passagem obrigatória para os valores da ação”. Ao que complementam Dardot e Laval (2016, p. 354): “foi esse modelo, talvez mais do que o discurso econômico sobre a competitividade, que permitiu ‘naturalizar’ esse dever de bom desempenho e difundiu nas massas certa normatividade centrada na concorrência generalizada”.

É nesse contexto que a figura do técnico passa por profundas transformações. Daquela figura que buscava implantar o ascetismo intramundano do trabalho, um cuidado do corpo contra o que havia de dispêndio (bebidas, festas, práticas sexuais sem fins reprodutivos, entre outras formas não racionalizadas

de conduta de vida praticadas pela classe trabalhadora), o *coach* (treinador) da era neoliberal atua como um psicólogo que busca extrair dos sujeitos um “sempre mais”, que se goze “sempre mais”, intensificando o desempenho do sujeito em todos os domínios de sua vida. Não é acaso que se tenha rotulado de *coach* o profissional dedicado a transformar a mentalidade do indivíduo (*mindset*) para que ele ou ela produza sempre mais, que empreenda sem medo do fracasso (o qual é entendido como positivo, desde que seja tomado como uma forma de aprendizado para futuros investimentos). Os cursos de *coaching* saíram do ambiente esportivo e foram incorporados não só às empresas, mas também à vida pessoal dos indivíduos, funcionando como principal vetor de uma visão tecnocrata que busca difundir a ética da concorrência e do desempenho como elementos psicológicos do cotidiano dos indivíduos. Nesse sentido, *empresa* e *vida* não possuem mais fronteiras. As narrativas esportivas da individualidade e superação de *barreiras* se tornaram metáforas usadas para o indivíduo se autogovernar em um mundo dominado pela ótica neoliberal. Vencer passa a ser o único objetivo no *jogo da vida*, independentemente de suas condições, cenários e contextos. Seria necessário um *coaching* no planejamento de carreira, na vida amorosa, nas finanças, enfim, em qualquer área de atuação humana esse imaginário de *gerir com competência* se entranhou.

De acordo com Neil Postman (1994), este conjunto de atividades que estabelecem a gestão e a eficiência acima de tudo evidenciaria a mudança da *tecnocracia* para o *tecnopólio*. Em linhas gerais, Postman interpreta o tecnopólio como o processo social, cultural e psicológico que procura autorização, satisfação e ordens da tecnologia. Segundo Postman (ibidem, p. 79): “os que se sentem confortáveis no tecnopólio são as pessoas que estão convencidas de que o progresso técnico é a realização suprema da humanidade e o instrumento com o qual podem ser solucionados nossos dilemas mais profundos”. O mesmo autor afirma que a tecnocracia não destruiu por completo as tradições dos mundos sociais e simbólicos. Ela os subordinou e até os humilhou, mas não os deixou totalmente ineficazes por conta dessas tradições ainda serem elos de ligação entre os participantes desta sociedade.

Para enfatizar a diferença central que Postman (ibidem) destaca: a tecnocracia não tem como objetivo um reducionismo, na qual a vida humana encontrará seu sentido na maquinaria e na técnica. O tecnopólio tem. O tecnopólio seria a submissão de todas as formas de vida cultural à soberania da técnica e da tecnologia. O tecnopólio é a tecnocracia totalitária no sentido que as instituições sociais e suas pluralidades são reduzidas. Com o tecnopólio, a tensão, própria das sociedades tecnocratas, desaparece, esmagando as outras formas sociais que coabitavam o imaginário social, colocando o imaginário tecnocrata como o único possível, o único correto e o guia das ações cotidianas. No tecnopólio a complexidade presente nas dimensões lúdicas é desdenhada. Tudo se resumiria à visão tecnopolista, descontextualizada e, como Postman (1994) argumenta, sem uma fundação moral. Proposição que Muniz Sodré (2016) também destaca ao compreender que o lado estritamente técnico (simbolizado pelo tecnopólio) cria uma barreira à empatia humana.

Mais do que os presidentes ou os dirigentes, é o treinador que passa a exercer uma função administrativa fundamental nos clubes-empresas. Por ser aquele que lida diretamente com os trabalhadores, com a imprensa, com os torcedores, enfim, que simboliza o clube à beira do campo, o treinador é visto como a peça que mobiliza toda uma cadeia produtiva do futebol e, por isso, quem deve assumir a responsabilidade pelo planejamento e desempenho do clube. Daí que ele (na grande maioria dos casos, trata-se mesmo de uma figura masculina) assuma diversas funções a um só tempo, desde a escolha dos jogadores que venham compor o elenco do time (o que implica discutir o orçamento do clube) até o tratamento com a imprensa. Para tanto, ele deve adotar as últimas tecnologias de administração de empresas para lidar com o orçamento do clube e para contratar jogadores. Ele deve passar por um *media training* para saber lidar com a imprensa e ter auxiliares que assumam sua posição nos treinamentos.⁶

6 Com efeito, esse paradoxo tornou-se prática comum no dia a dia dos clubes. A função de treinar os jogadores é delegada aos auxiliares do treinador, enquanto este faz planejamentos para o time ao longo das competições ou prospecta novos jogadores no mercado.

Esse aparato técnico permite que ele planeje da maneira mais precisa possível (daí o estabelecimento de metas a serem cumpridas) o desempenho do clube ao longo do tempo. Tais atividades o aproximam mais de um CEO do que de um experto em estratégias de jogo. Não é por narcisismo que esse verdadeiro *manager* vista terno e gravata negra à beira dos campos (muitas vezes por imposição contratual): ele é a imagem gerencial do futebol como negócio. Eles usam, na prática, *black-tie*.

Se o jogo é uma concorrência empresarial pelo lucro (um título, uma colocação na tabela do campeonato que permita a um clube acessar uma competição internacional), então, o significado da vitória e da derrota perde seu *status* moral em favor de uma lógica meramente econômica. Vitórias e derrotas se tornam fatores que determinam a posição da empresa no mercado (tabela do campeonato) e o aumento ou diminuição do valor de seus ativos. As vitórias são entendidas como resultado de um bem executado planejamento empresarial. Elas valorizam a marca do clube, trazem mais patrocínios. As derrotas se tornam o resultado de uma falha de planejamento, de gestão. Elas diminuem o valor agregado da empresa. Note-se que a troca de técnicos passe a ser regida por uma lógica financeira de valorização do clube: a questão é saber se o treinador foi capaz de cumprir as metas estabelecidas em contrato, trazendo mais investimentos para a empresa.

Nesse contexto ideológico e institucional, a dinâmica das partidas também deve ser submetida ao controle técnico. O treinador deve buscar em seu elenco a motivação para vencer sempre mais. Para tanto, ele deve mobilizar a tecnologia disponível para diminuir a aleatoriedade inerente à disputa esportiva. Munido de alta tecnologia (sensores de mapeamento da atividade cardíaca dos jogadores, mapas de calor e até *drones* para o treinamento de jogadas), o técnico será cobrado pela eficiência ao indicar as melhores tomadas de decisão dos jogadores, levando o time à vitória. Num mercado altamente competitivo, em que todos estão igualmente bem preparados, é preciso buscar um algo mais dos trabalhadores para melhorar o desempenho. O treinador se volta, para tanto, para o lado psicológico dos jogadores. Neste viés, o comportamento psicológico do jogador passaria pela atuação do treinador e de suas ferramentas, que domarão comportamentos. Influenciar a tomada de decisões e a consciência de seus atletas seria a ferramenta predileta e o principal objetivo desta personagem. O *coach* usa as tecnologias psicológicas do capital para controlar a natureza do jogo.

Tite como o gestor ideal: uma análise do perfil de Tite na Você S.A.

Em 14 de junho de 2016, Adenor Leonardo Bacchi, conhecido como Tite, foi convidado pela CBF para assumir o cargo de treinador da seleção. Era um momento de expectativa entre os dirigentes da confederação, uma vez que a equipe estava fora da zona de classificação para a Copa do Mundo de 2018, que seria realizada na Rússia. Por si só, este seria um motivo para atrair uma forte crítica da imprensa especializada. Mas havia algo mais: era necessário recuperar o prestígio de um time após ter sofrido uma humilhante derrota, no torneio anterior, para o selecionado da Alemanha pelo pouco usual placar no futebol de sete gols contra um (que se tornou conhecido como o jogo do *sete a um*) (BRINATI, 2016). Para piorar a situação, o então treinador da equipe era o ex-atleta Carlos Caetano Bledorn Verri, apelido profissional Dunga, cuja personalidade introvertida e rançosa criava demasiado atrito com a imprensa esportiva (MOSTARO, 2017), o que fazia aumentar a intensidade das críticas à chamada *amarelinha* (referência à cor da camisa da seleção brasileira de futebol).

Era esse o contexto que fazia com que a imprensa esportiva insistisse em que Tite fosse contratado como novo treinador da seleção brasileira. Mais do que outros técnicos disponíveis para o cargo, Tite era apresentado como a antítese da figura considerada *antiquada* de Dunga. Afinal, Tite apresentava uma trajetória profissional que tem sido muito valorizada no meio futebolístico contemporâneo. Após o encerramento de sua curta carreira como jogador de futebol, aos 28 anos, graduou-se em educação física pela PUC de Campinas. A partir de 1991, passou a dirigir pequenos clubes do interior do Rio Grande do

Sul, onde nasceu, até que, no ano de 2000, logrou fazer da Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul, ou Caxias, campeão gaúcho na disputa contra o Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense. No ano seguinte, seria contratado pelo próprio Grêmio como treinador, conseguindo conquistar títulos pelo clube rio-grandense. Apresentando a imagem de um *estudioso do futebol*, e não um *boleiro* (de acordo com o jargão da imprensa esportiva que se refere ao jogador que se torna treinador, porém se mantém uma postura profissional similar a dos jogadores em atividade), Tite seria contratado por clubes de outras partes do país, consolidando-se como expoente de uma nova geração de treinadores, descrita como mais científica e profissional. Após períodos de insucesso (notadamente, sua passagem pelo Atlético Mineiro, em 2005, quando o clube foi rebaixado para a série B do campeonato brasileiro), sua carreira como *manager* se consolida no período em que dirigiu o Sport Club Corinthians Paulista, a partir de 2010. Então, Tite conduziu a equipe a títulos importantes, inclusive um campeonato mundial de clubes patrocinado pela FIFA, em 2012. Desde então, tornou-se o *encantador de serpentes*, isto é, uma unanimidade na imprensa esportiva brasileira, que o descreve como a antítese dos técnicos tradicionalistas, o único perfil capaz de resgatar a imagem positiva da seleção brasileira no cenário do futebol internacional após o sete a um.

Ainda que a metáfora de Lugano contenha certa dose de ironia, é preciso admitir que Tite possui uma presença incomumente positiva na imprensa não apenas esportiva. Entre as narrativas que exaltam sua figura, muitas extrapolaram o universo do futebol. Tite adotou, desde o início de sua carreira, a imagem do *manager* (modelo europeu), defendendo uma abordagem científica do futebol (uso de novas tecnologias para os treinamentos, abordagem psicológica dos jogadores, participação do treinador nas decisões de investimento e estruturação dos clubes de futebol, em contraposição ao saber-fazer prático, exaltado pelos treinadores *boleiros*) e usando terno e sapato à beira do campo.⁷ Seu notável êxito comandando o Sport Club Corinthians Paulista consagrou sua imagem de técnico *moderno*. Tal *persona* chamou a atenção também da imprensa econômica, que logo identificou Tite à figura do gestor de empresas ideal (por ser um profissional do esporte mais popular do país), dedicando-lhe diversas matérias nas quais se tecem os mais variados elogios.

Entre as matérias dedicadas ao caráter empresarial de Tite na imprensa econômica, uma é paradigmática. Trata-se do perfil de Tite publicado pela revista *Você S.A.* (Editora Abril), em 2017, em que se destacam suas qualidades como gestor. A escolha dessa matéria, assinada pela jornalista Elisa Tozzi (2017), para uma detida análise deve-se a uma série de fatores. Em primeiro lugar, passa pela compreensão da própria natureza da revista. Criada em 1998 pela Editora Abril, ela se dedica à análise do mercado financeiro e a incentivar o empreendedorismo como ética de vida. Em suma, é uma revista que reproduz, em formato jornalístico, os valores da chamada revolução da teoria gerencial, a qual deu uma narrativa à racionalidade neoliberal, como diversos autores analisaram (BOLTANSKI e CHIAPPELO, 2009; CHAMAYOU, 2020; DARDOT e LAVAL, 2016; FOUCAULT, 2008). Tal adesão aos valores neoliberais é notável desde o título da publicação: *Você S.A.*, uma expressão de rara felicidade que resume, de um só golpe, o pilar da racionalidade neoliberal. Nada traduz melhor o *insight* de que todo indivíduo é um empresário de si (FOUCAULT, 2008).

Intitulada “Estes são os segredos de liderança bem-sucedida do técnico Tite”, a reportagem se dedica a descrever o treinador da seleção como um líder, cujas qualidades podem servir de inspiração aos empresários. Como resume a jornalista Tozzi, “com um estilo bem definido de liderança, investimento em seu preparo intelectual e implantando uma filosofia própria de gestão, *Tite tem muito a ensinar sobre*

⁷ Deve-se admitir que Tite não foi o primeiro treinador de futebol a incorporar tal imagem no Brasil. Tal *persona* ganhou destaque no futebol brasileiro com Wanderley Luxemburgo que, já nos anos 1990, adotou tal postura e discurso empresarial, obtendo enorme sucesso nos clubes pelos quais passou, alcançando a seleção brasileira. Com efeito, Tite é um dos treinadores que seguiu o caminho aberto por Luxemburgo. Cabe igualmente lembrar que um treinador de outro esporte, o vôlei, Bernardo rocha de Rezende, apelido profissional Bernardinho, é o profissional dos esportes coletivos que mais se identifica com o *coach* neoliberal, sendo um notório investidor do mercado financeiro.

gestão de pessoas — dentro e fora do campo (2017, s. p., grifo nosso)”.

A matéria é organizada em oito tópicos, que apresentam aquilo que a jornalista entende como sendo as melhores qualidades de Tite. A divisão é interessante na medida em que apresenta um elenco paradigmático dos valores que a literatura empresarial costuma prezar para a administração de empresas. Para fins desta análise, reunimos os oito tópicos em três eixos: (1) Motivação psicológica, (2) Relações de liderança, (3) Aperfeiçoamento técnico.

O primeiro eixo contempla dois tópicos: (1) *Motivação intrínseca* e (8) *Lidar bem com a pressão*. Em ambas as seções, a jornalista sublinha a capacidade de Tite de mobilizar a inteligência emocional ou, melhor, a capacidade do treinador de motivar seus jogadores (já extremamente bem-sucedidos profissionalmente) a fim de criar um comprometimento com os objetivos da seleção. Afinal,

quando estão na seleção brasileira, os atletas têm um desafio específico: entregar bons resultados para uma instituição que não é sua empregadora. Estão jogando não pelo salário, mas por outra coisa. É aí que entra o desafio do técnico, que precisa identificar que “outra coisa” é essa. Tite sabe como fazer isso (TOZZI, 2017, s. p.).

Essa primeira frase é extremamente interessante. Desde logo, ela replica um dilema clássico da literatura empresarial contemporânea que é fazer com que os trabalhadores tenham um desempenho profissional ótimo mesmo quando não são funcionários da empresa, com carteira assinada (é o dilema, por exemplo, das plataformas digitais da dita economia do compartilhamento, como a Uber ou o iFood). Daí que seja fundamental apelar não à dimensão utilitária (trabalhar mais equivale a ganhar mais dinheiro, numa relação mecânica de causa e efeito), mas à psicológica: o desempenho no trabalho deve traduzir-se em comprometimento moral com um ideal de vida, um objetivo dito *maior*. Note-se que a seleção brasileira de futebol é equiparada, de início, a uma empresa privada e, por conseguinte, Tite assume o lugar do *CEO*.

Na sequência, destaca-se como Tite utiliza técnicas da psicologia para motivar os jogadores, buscar essa *outra coisa*, um algo a mais, como palestras motivacionais e conversas individuais para conhecer suas personalidades. Isso cria, de acordo com a matéria, *vínculos emocionais fortes* entre a equipe e o treinador. Ao mesmo tempo, Tite é descrito como um profissional arrojado, cujo perfil mistura inteligência emocional com racionalidade e *gosto por adrenalina*, o que lhe permite estar preparado para suportar as fortes pressões que a profissão apresenta. Uma vez mais, o ambiente esportivo é equiparado ao empresarial: “como nas empresas, a cobrança é por bons resultados” (ibidem). A solução para ambas as situações é alinhar os deveres profissionais aos prazeres da vida privada: “Para ele, o segredo para ter sucesso e encontrar o equilíbrio entre trabalho e vida pessoal é, teoricamente, muito simples: fazer aquilo que ama” (ibidem). É interessante sublinhar que não se trata, em momento algum da matéria, de aspectos financeiros, mas apenas do engajamento libidinal ao trabalho, diluindo as fronteiras entre trabalho e vida pessoal.

O segundo eixo de descrição abrange a capacidade de controle do treinador sobre o grupo através da criação de um ambiente de trabalho competitivo. Neste sentido, destacam-se os tópicos: (2) *laços de confiança*, (3) *transparência total* e (4) *lealdade e meritocracia*. Em todos esses apartados, a jornalista destaca como Tite aplica, no ambiente da seleção, técnicas de gestão empresarial, tentando imprimir uma contínua concorrência entre os jogadores. Assim, ele (a) conversa na *língua* dos jogadores, os quais têm (b) confiança no treinador na medida em que ele é transparente em suas decisões técnicas e (c) deixa claro que as convocações e a titularidade dos jogadores dependem *de seu próprio esforço*. “Nas equipes de Tite”, pondera a jornalista, “nenhum jogador chega para tomar o lugar do outro — e não importa o nome que esteja estampado na camisa. Para o treinador, o que conta é quem está melhor naquele momento” (TOZZI, 2017, s. p.). Com isso, os jogadores tendem a se engajar mais nos treinamentos e nos jogos, tendo um melhor *desempenho*. Como diz a jornalista, “é a boa e velha meritocracia, mas com uma dose de

lealdade” (ibidem).

Finalmente, o terceiro eixo de análise se dedica ao aperfeiçoamento contínuo de Tite: (4) *leitura de ambiente*, (6) *aperfeiçoamento pessoal e da equipe* e (7) *aprender com as frustrações*. Como lembram Dardot e Laval (2016), o sujeito neoliberal não tem acesso à totalidade das informações e, portanto, deve fazer escolhas que forçosamente contêm riscos. O sujeito econômico neoliberal “não é um maximizador passivo, mas um construtor de situações proveitosas, que ele descobre mediante vigilância e poderá explorar” (ibidem, p. 146). Além disso, em uma economia baseada em uma contínua inovação e destruição criadora dos conhecimentos práticos, torna-se impossível não fracassar. Duas consequências desses axiomas neoliberais são importantes. Por um lado, o fracasso é não apenas parte inerente da ação empreendedora, como também um fator positivo, desde que sirva como um aprendizado para futuras escolhas. Como observam Dardot e Laval (ibidem, p. 147), “o que importa [ao fracassar] é a redução da ignorância, o *learning by discovery* [aprendizado através de descobertas, tentativa e erro]”. Por outro, o ambiente de contínua inovação tecnológica exige um periódico investimento na capacitação dos profissionais: daí que a periódica passagem de profissionais por cursos de capacitação seja altamente valorizada no meio empresarial. Afinal, “o mercado é um processo de aprendizagem contínua [o que permite a] adaptação permanente” (ibidem, p. 147).

É assim que Tite é descrito. Logo após sua exitosa primeira passagem pelo Corinthians, em 2013, ao final de seu contrato com o clube, Tite toma a incomum decisão de não renovar seu vínculo com o Corinthians (quando poderia obter um salário muito maior do que o anterior) e decide retirar-se para estudar as mais recentes estratégias de jogo (táticas), realizando um período sabático na Europa. Ao invés de ser lida como uma atitude desarrazoada, tal decisão é celebrada na matéria, como a demonstração de um profissional que quer se manter atualizado com o que há de mais *moderno* na teoria do futebol para se adaptar a um contexto de contínua transformação e competição.

Já no tópico sobre aprender com as frustrações, Tite lembra de seu maior fracasso, o rebaixamento no campeonato brasileiro com o time do Atlético Mineiro, em 2005. Lê-se na matéria que:

O treinador não conseguiu entregar resultados, demitiu-se da equipe em agosto e o time foi rebaixado. “Até hoje isso me machuca. Mas eu aprendi que não era o salvador da pátria, que não tinha varinha de condão. Num campeonato com esse grau de dificuldade, eu precisava de tempo para fazer um trabalho com começo, meio e fim”, diz Tite. Esse aprendizado tem conduzido as decisões de carreira do gaúcho até hoje (TOZZI, 2017, s. p.).

A passagem é exemplar de como o dito fracasso é valorizado no ambiente empresarial neoliberal. Não é acaso que, mesmo após a derrota e eliminação na Copa do Mundo de 2018, Tite se manteve no cargo para realizar a preparação para a próxima competição, fato que nunca havia ocorrido com um treinador que saiu derrotado de uma Copa do Mundo.

Considerações finais

É decisivo notar que as oito qualidades de Tite exaltadas pela revista são dedicadas, prioritariamente, a dar materialidade ao perfil ideal de *manager*. Como todo indivíduo, Tite tem outras não enumeradas qualidades. Não obstante, o que parece importar é ter o treinador do principal time do país como *gestor ideal de empresas*. Essa é fórmula potente de passar, para o público leigo em esportes e administração de empresas, os valores da concorrência, da meritocracia, enfim, do empreendedorismo. Para Tite, por seu turno, tal matéria consolida sua imagem de vanguarda entre os dirigentes do futebol brasileiro, garantindo sua posição nesse mercado. Ao dominar as ferramentas de gestão neoliberais para interferir no jogo de futebol, Tite encantou as serpentes também do jornalismo econômico.

Com a colonização do jogo, os símbolos esportivos passaram também a ser empregados como

ferramentas de gestão de empresas (EHRENBERG, 2010), amplificando a ideia de *gameificação* da vida (HAN, 2018). *Vestir a camisa, ter mente de campeão* passam a ser termos frequentemente utilizados em palestras empresariais. Neste sentido, como a ideologia empresarial passa a ser um método de administração da própria vida do sujeito, a linguagem e a prática esportiva formulam um culto à performance que convida cada indivíduo a ser o empreendedor de si mesmo. Como Ehrenberg (2010, p. 13) define: “O empreendedor foi erigido como modelo da vida heroica porque ele resume um estilo de vida que põe no comando a tomada de riscos numa sociedade que faz da concorrência interindividual uma justa competição”. O arquétipo do herói (CAMPBELL, 2007), aquele que se arrisca para salvar a humanidade/sociedade, agora é o indivíduo que se arrisca no jogo neoliberal para salvar a si próprio. A superação, provação, competição e conquistas fazem o *homem comum* um empreendedor de sucesso, igualando-o aos heróis e estrelas que habitavam o imaginário esportivo.⁸

Encontramos uma forte congruência entre o neoliberalismo e o tecnopólio, que atuam nesta linha: afrouxar relações e tradições para expandir a ideia de *eficiência*. No futebol, o tecnopólio e o neoliberalismo, representado pela figura do treinador atual, teriam como *meta* de *eficiência* diminuir o *risco da operação financeira no esporte*, confrontando e tentando eliminar a complexidade do jogo, colonizando-o.

Mais do que uma narrativa sobre Tite, a narrativa da Você S.A. funciona como uma das flautas do encantador de serpentes que mencionamos no início do artigo. Uma ferramenta empenhada em legitimar a narrativa neoliberal e manter as ações dos participantes deste jogo narrativo como corretas. Manter os demais participantes empenhados e fascinados é o objetivo final. Mais sinistro que as serpentes, a flauta neoliberal cria uma ordem, um tom específico para as regras do jogo e silencia os ruídos que o jogo em sua essência pode trazer.

Referências

- BECKER, Gary. **Human Capital: A Theoretical and Empirical Analysis, with Special Reference to Education**, New York: Columbia University Press, 1964.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BRINATI, Francisco. **Maracanazo e Mineiraten**. Imprensa e Representação da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 2014. Curitiba: Prismas, 2016
- CAMPBELL, Joseph. **Herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.
- CARTER, Neil. **The football manager: A history**. Routledge, 2006.
- CHAMAYOU, Grégoire. **A sociedade ingovernável: uma genealogia do liberalismo autoritário**. São Paulo: Ubu, 2020.
- COSTA, Maurício da Silva Drumond. Os gramados do catete: Futebol e Política na Era Vargas (1930-1945). *In*: SANTOS, Ricardo Pinto; DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira (Orgs.). **Memória Social dos esportes**. Futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DAVIES, Dunter. Chapman’s Arsenal. *In*: HAMILTON, Ian (Org.). **The Faber book of Soccer**. London: Faber & Faber, 1992.

⁸ Sobre a construção de figuras heroicas no esporte ver Helal (1999).

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa.** Aparecida: Ideias e Letras, 2010.

ELIAS, Norbert. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: ELIAS, N; DUNNING, E. **A busca da excitação.** Lisboa: Difel, 1992.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Dança dos Deuses: futebol, cultura e sociedade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GASTALDO, Edison. A Família Scolari somos todos nós: questões de identidade brasileira na Copa de 2002. **Anais eletrônicos do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom)**, Belo Horizonte, Minas Gerais, 02 a 06 de setembro de 2003.

GUEDES, Simoni Lahud; GASTALDO, Édison. **Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional.** Niterói: Intertexto, 2006.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões.** São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder.** Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

HELAL, Ronaldo. Mídia, ídolos e heróis do futebol. **Revista Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física**, v. 2, n. 03, p. 32-52, 1999.

HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro (Orgs.). **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria.** Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: interações.** Rio de Janeiro, EDUERJ, 2011.

MELO, Victor Andrade de; DRUMOND, Maurício; FORTES, Rafael; SANTOS, João Maniel Casquinha Malaia. **Pesquisa Histórica e história do esporte.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. **Imprensa e o futebol-arte: as narrativas da “nossa essência futebolística”.** Curitiba: Editora Prismas, 2017.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. **Os técnicos, os campos e as Copas: imprensa, narrativas e o imaginário da elite cultural do futebol.** 2019. 298 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Uerj, 2019.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio: a rendição da Cultura à tecnologia.** São Paulo: Nobel, 1994.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **A metamorfose do futebol.** Campinas: UNICAMP, 2000.

SALVADOR, Marco Antônio Santoro; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **A memória da Copa de 1970 – esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional.** Campinas: Autores Associados, 2009.

SANTOS, Irlan Simões da Cruz (Org.). **Clube Empresa: abordagens críticas globais às sociedades anônimas no futebol.** Rio de Janeiro: Corner, 2020.

SMIT, Barbara. **Invasão de Campo: Adidas, Puma e os bastidores do esporte moderno.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

SODRÉ, Muniz. Os confrontos da Comunicação. Ética: a questão do valor frente ao domínio do mercado. **PPGCOM UERJ**, 20 jul. 2016. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=bbrEE1ocmkQ>. Acesso em: 05 jan. 2017.

TOZZI, Elisa. Estes são os segredos da liderança bem-sucedida do técnico Tite. **Você S.A**, São Paulo, 15 jan. 2017. Disponível em: <https://vocêsa.abril.com.br/geral/estes-sao-os-segredos-da-lideranca-bem-sucedida-do-tecnico-tite/>. Acesso em: 22 nov. 2018.

Filipe Mostaro é doutor em Comunicação pelo PPGCOM da Uerj. Diretor e Apresentador do Podcast Passes e Impasses. Pós-Doutorado em andamento pelo PPGCOM. Professor da Pós-Graduação em Jornalismo Esportivo da Uerj. Autor dos livros: Garrincha x Pelé: a influência da mídia na carreira de um jogador (2012). Imprensa e futebol-arte: as narrativas da "nossa essência futebolística" (2017) e Narrativas do Esporte na mídia: reflexões e pesquisas do Leme (2020). Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica; interpretação dos dados; apoio na revisão de texto e redação do manuscrito.

Leonardo de Marchi é professor Adjunto da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica; interpretação dos dados; apoio na revisão de texto; redação do manuscrito e revisão da versão em língua estrangeira